

A “TERRÍVEL PRENDA” DE ELOÉSIO PAULO EM *POR QUE NÃO VOU A SODOMA*

Samuel Rezende

Universidade do Estado de Minas Gerais

(rezende_s@hotmail.com)

Samuel Rezende

Realizou pesquisa de doutoramento sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), instituição em que obteve o grau de mestre em Estudos Literários com dissertação sobre a poesia de Eloésio Paulo. Graduado em Letras pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), tem atuado como professor contratado de língua portuguesa na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).



lattes.cnpq.br/4708034350298995



orcid.org/0000-0002-9985-9055

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-5
----------------------------	-------------	-------	------	-----

A “TERRÍVEL PRENDA” DE ELOÉSIO PAULO EM *POR QUE NÃO VOU A SODOMA*

Samuel Rezende

Universidade do Estado de Minas Gerais

(rezende_s@hotmail.com)

* * *

Por que não vou a Sodoma (Sic Edições, 2022) é um livro da madureza. Nesta nova reunião, Eloésio Paulo se esforça para repassar, pelo aceno à memória, as suas obsessões temáticas, indo de motivos que abordam a infância, passando pelo amor e pela linguagem, sem perder de vista o mundo. Nascido em 1965, em Areado, Sul de Minas, Eloésio carrega no seu embornal alguns miniapocalipses, sendo eles *Ontologia poética* (1990), *Primeiras palavras do mamute degelado* (2000), *Cogumelos do mais ou menos* (2005), *Inferno de bolso etc.* (2007), *Jornal para eremitas* (2012), *Homo hereticus* (2013), *Deuses em desuso* (2016), *O teu que é mais azul* (2018), *O amor é um assunto imbecil* (2021), além de *Poemas praxisnesver* (1988), *Uicais* (2021) e *Todo pombo é correio* (2023), todos os três últimos em parceria com o poeta alfenense Marcos de Carvalho.

A maturidade eloesiana revela-se já na estratégia compositiva do livro, na qual se concentram as meditações do poeta em três partes distintas: “Estragos no estuque”, “Como se a morte de um deus fosse só brinquedo” e “Bostinhas de tiziu”. Logo nos títulos das seções, bem como no próprio título da coletânea, encontra-se a válvula corrosiva que é impulsionada pela ironia, potência crítica a produzir movimento reflexivo, o qual Eloésio faz valer a partir da herança legada pela moderna poesia brasileira, por meio do humor sintético de Oswald de Andrade, da capacidade pensante e irônica de Carlos Drummond de Andrade, da projeção imagética de Murilo Mendes e da disposição cotidiana de Manuel Bandeira.

A reflexividade, em “Estragos no estuque”, opera como uma dobra a corroer ironicamente a simplória aparência, ou estuque, das coisas, identificando os defeitos, ou os estragos. Essa atenção é crítica não por investir na análise avaliativa com o fim de estabelecer

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-5
----------------------------	-------------	-------	------	-----

valores, mas por separar e juntar como método, espécie de caminho através, com o intuito de perceber os diversos elementos sem a determinação temporal: “Súbito o Ser/ novamente se divide// Água e terra com seu peso/ se misturam para sempre// Ar e fogo passam a se tocar/ sem calendário previsto” (p. 11). O momento repentino em que se nota a divisão do Ser conduz, portanto, a certo “sujeito molambo/ ausente de calendários/ e que não dizia coisa com coisa”, o qual, em corrosiva autoironia, “no meio da partida/ ele próprio apitou/ bateu o pênalti/ e tomou um goloço de si mesmo” (p. 14).

Por mais que “Como se a morte de um deus fosse só brinquedo” (tradução livre de um verso de Yeats) possa soar como um impropério saído das mãos de um ateu, a ecoar o famigerado “Deus está morto” nietzschiano, o contorno lúdico, “brinquedo”, e o delineamento imaginativo, “como se”, projetam precisamente o experimento de passagem pela linguagem. Ainda que carregada por uma dimensão sem utilidade na maturidade, a brincadeira serve ao poeta ironicamente como recurso para pensar a relação entre linguagem e vida, em que a inutilidade do “canto” parece, pela imaginação, ser o refúgio mais apropriado. Esse refúgio não advém sem que haja uma disputa crítica e corporal, como em “Judô”, ao dizer que “Quando a vida me quer/ eu quero a vida/ e um mundo de sílabas quebradas/ se amontoa no escuro do porão// Quando a vida me rejeita/ porém/ eu me refugio nesse canto/ inútil para os que têm/ vivê-la como um vício” (p. 60). Refugiar-se no canto, ainda que sem uso para os viciados em vida, não se configura como escapismo, pois é nesse espaço de linguagem que, adornado com as máscaras de satírico e de profeta, o poeta colhe o tempo, “pois o satírico/ profetiza do passado/ e o profeta/ parodia o futuro” (p. 52), como em “Carpe diem”.

Em “Bostinhas de tiziu”, Eloésio explora, mais uma vez, tal como já havia feito em *O teu que é mais azul*, o haikai. A configuração não necessariamente respeita os tradicionais versos em 5-7-5. Na realidade, apoiada na liberdade já possibilitada pelo modernismo, a forma dos próprios haikais se estabelece pela disposição irônica, crítica e reflexiva da poesia de Eloésio, como ao exercer a consciência de estar na maturidade diante de um futuro incerto: “Até o meio/ sei que entrei no nevoeiro/ depois esqueço” (p. 85). Assim, ironizando a atenção consciente por meio do esquecimento quanto ao estágio da própria vida, a linguagem reflete pelo olhar outras experiências, de modo que “Deixo a garça/ levar meus olhos no ar/ e posso voar” (p. 91). A visada crítica se adensa pela ironia ao notar que “Reses são outro/ tipo de carrapato/ no lombo da serra” (p. 90). Os haikais esforçam-se para conjugar crítica, reflexividade e ironia como se colocassem o leitor à espreita para atacar o instante, do mesmo modo que “Entre espigas/ a urutu espera/ de bote armado” (p. 93).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-5
----------------------------	-------------	-------	------	-----

A madureza, que, segundo Drummond, é uma “terrível prenda”, revela-se exatamente na consciência do poeta de viver em uma época em que restam apenas pequenos instantes, traduzidos a partir da “espera/ de bote armado”. A tarefa do “Poeta terminal” não é apenas de ser um destino, onde se pressinta o nevoeiro inesperado do fim, mas também de ser passagem a fim de “por entre tanta cinza/ dever criar um mundo” (p. 40), que se torne um refúgio, uma morada, possível para se vislumbrar um laivo de vida. Assim, numa “Autopromoção” do poeta, à experiência pulsante da vida, esperançosamente esperada no bote sorrateiro da serpente, subjaz a relação com o tempo, em comparação entre prosa e poesia: “A prosa costuma dar/ longos chás de cadeira// Poesia não/ Cada enxadada/ é uma minhoca” (p. 44).

O método eloesiano não pretende entregar para o leitor uma fórmula pronta e acabada da experiência poética. Cruzar pela linguagem poética é aventurar-se por um mundo criado em que o caminho através não pressupõe, em princípio, uma teoria ou uma lógica. Como em “Mondô”, as respostas às perguntas nem sempre são óbvias, “Por que o sabão faz bolha?// Ninguém o sabe” (p. 50), pois obedecem a uma lógica outra, a desse mundo feito a partir das cinzas. O método não define sentido, deve conduzir a estratos mais profundos de percepção: “No mundo das palavras, existe um porão que é infinito” (p. 21). Daí haver, durante o passeio por esse reino poético, um instante em que o “sujeito/ fantasiado de safari” seja abordado por “um crocodilo versado em teoria dos conjuntos” que lhe diz: “Eu quero conversar mas é com o seu jacaré” (p. 19). A abordagem do estranho réptil quer chamar a atenção para um lado não domesticado da experiência humana, como a rusticidade de um passado onde “a História atolava ali na curva/ do Corgo Preto/ e seus charreteiros se distraíam/ tempo afora caçando frangos d’água/ e jogando truco” (p. 30).

Em *Por que não vou a Sodoma*, não se trata de responder à pergunta título, mas de oferecer, pela linguagem poética, uma alternativa ao senso comum. Estar no meio do caminho da vida é perceber-se, terrivelmente, no dever de criar um mundo no qual há o trabalho sisífico de fazer refletir que “Todos vão morrer/ comigo Mas sei que vou/ morrer sozinho” (p. 113). Entretanto, para se chegar a essa reflexão, aparentemente simples e comezinha, é necessária a madureza para entender que “Por vezes chega/ a vez de quem tem medo/ de fazer tocaia” (p. 115).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-5
----------------------------	-------------	-------	------	-----

REFERÊNCIAS

PAULO, Eloésio. *Por que não vou a Sodoma*, Alfenas/MG: Sic Edições, 2022.

Recebido em: 14/06/2024

Aceito em: 03/08/2024

Publicado em: 30/09/2024

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-5
----------------------------	-------------	-------	------	-----